



A VARIAÇÃO DOS VERBOS TER/HAVER EM CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM GARANHUNS – PE

THE VARIATION OF THE VERBS TER/HAVER IN EXISTENTIAL CONSTRUCTIONS IN SPOKEN PORTUGUESE IN GARANHUNS - PE

Lídia Nadine Bezerra Braga (UFPE)¹

nadinebbbraga2015@gmail.com

Sabrina Correia Medeiros (Uniassevi)²

sabrina_medeiros2011@hotmail.com

Fernando Augusto de Lima Oliveira (UPE)³

fernando.oliveira@upe.br

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo descrever quais condicionantes linguísticos e extralinguísticos favorecem o emprego dos verbos *ter/haver* em construções existenciais, utilizados em contextos informais pelos falantes da cidade de Garanhuns- PE. A pesquisa está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística, de Labov (2008 [1972]). Para tanto, selecionamos como variáveis extralinguísticas: sexo (homem e mulher), idade (15-30; 31-46 e 47-61) e escolaridade (médio e superior); e, como variáveis linguísticas: animacidade do sintagma nominal (SN) do objeto com traço animado/inanimado; e, tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, e pretérito imperfeito). Estipulamos um tempo médio de 10 a 15 minutos para o desenvolvimento das entrevistas, mediante ao processo de narrativas orais (Cf. LABOV; WALETZKY, 1969). Os dados desta pesquisa foram quantificados, mediante a utilização do software computacional GOLDVARB X (2005), que considera os grupos de fatores significantes para a variante estudada. Tendo em vista a escassez de pesquisas descritivistas dos usos linguísticos no Agreste Meridional pernambucano, consideramos significativa a realização deste trabalho de análise e descrição de dados, que associado aos diversos estudos linguísticos da área, pode contribuir para o conhecimento de possíveis variações no português falado em Garanhuns- PE.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Construções existenciais; Verbos. *Ter/haver*.

ABSTRACT: The present research has for objective to describe which external and internal conditioned favors the use of the verbs *ter/haver* in existential constructions, used in informal contexts by the speakers of the city of Garanhuns-PE. The research is based on theoretical-methodological assumptions of the Theory of Linguistic Variation, Labov (2008 [1972]). To this and we have selected has extra linguistic variables: sex (male and female), age (15-30, 31-45, 46-61) and education level (middle and higher), and as language variable: animation of nominal syntagma (NS) of the object with animated/inanimate; and tense (present tense, preterit tense, imperfect preterit). We determine an average time of 10 to 15 minutes for the

¹ Mestranda em Linguística – UFPE – Recife/ GEADLin – Garanhuns – UPE.

² Pós-graduada em Metodologia da Língua Portuguesa e Literatura – Uniassevi / GEADLin – Garanhuns – UPE.

³ Prof. Dr. do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e suas Literaturas – UPE. Líder do GEADLin/ UPE – Garanhuns – PE.



development of the interviews, through the process of oral narratives (Cf. LABOV; WALETZKY, 1969). The results of this research were quantified through the use of the computational software GoldVarbX (2005), which considers the groups of significant factors for the variant studied. Bearing in mind the shortage of researches in this perspective in Pernambuco, we considered significant the accomplishment of this description work and analysis of results, that associated to the several linguistic studies of the area, it can contribute to the knowledge of possible variations in the Portuguese spoken in Garanhuns-PE.

KEYWORDS: Linguistic Variation; Existential Constructions; Verbs. Ter/Haver.

1 INTRODUÇÃO

Uma das premissas básicas da língua é que ela varia. Não é necessário ser um especialista para constatar que há variação na forma como falamos, de modo que nenhuma esfera da língua está livre de mudança, seja ela no nível fonético-fonológico, sintático, morfológico ou semântico. Tendo isto em vista, a sociolinguística estuda a língua como social, heterogênea e variável, onde a mudança se dá inicialmente por uma variação, a qual não ocorre de forma desordenada, mas é determinada sistematicamente por fatores linguísticos e extralinguísticos.

O estudo da língua como social rompe os limites da linguística estruturalista, pois contesta a autonomia do sistema linguístico e esclarece ser impossível explicar fenômenos da mudança linguística por meio dos próprios elementos linguísticos, tal como “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 1972 [1963], p. 3).

Portanto, se há variação, há mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa, como exemplificado nas sentenças abaixo:

(1) “Então tem que **haver** mais diálogos em relação aos jovens e à sociedade.” (DSC, L5, p.20).

(2) “E aí vai **ter** de tudo, vai **ter** informação correta, vai **ter** informação não tão correta assim...” (APN, L17, p.76).

Podemos perceber nas sentenças acima que os falantes podem empregar o uso tanto do verbo haver quanto do verbo ter, em estruturas existenciais. De acordo com a gramática tradicional da língua portuguesa, o verbo "haver" é considerado como padrão

para indicar a existência de uma pessoa ou coisa, comportando-se como impessoal e sendo empregado sempre na 3ª pessoa do singular.

Contudo, pesquisas realizadas em diversas regiões do Brasil, como as desenvolvidas por Mattos e Silva (1989, 1996 e 1997) que descreveram quais fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem o uso de *ter/haver* na cidade da Bahia, por Callou e Avelar (2000) cujo analisaram quais os condicionantes internos e externos determinam o emprego de *ter/haver* no Rio de Janeiro, Dutra (2000) que deu continuidade aos estudos já iniciados por Mattos e Silva no Nordeste, Almeida (2006) o qual investigou os fatores significantes para a variação de *ter/haver* existenciais em Curitiba, Vitória (2008, 2012) que examinou a variação de *ter/haver* em contextos existenciais em Maceió, e Batista (2012) que realizou estudos semelhantes também na capital carioca, revelam um alto percentual do emprego do verbo *ter* existencial no português brasileiro, bem como: “esses verbos, em momentos diferentes, mas paralelos, pelo menos do que se pôde depreender da documentação examinada, seguem percursos análogos, com evidente recesso histórico de *haver* e sucesso de *ter*” (Mattos e Silva: 2002^a, p.139).

Como visto, não é de hoje que ocorre uma invasão da variante inovadora *ter* no campo do *haver*, desde que este era o verbo padrão empregado em estruturas de posse, na qual *haver*, do latim *habere*, continha o significado de “alcançar” ou “obter”, enquanto o *ter*, do latim *tenere*, compreendia uma noção de posse secundária, como “manter” ou “possuir”, estas orações caracterizavam-se pela seguinte estrutura X TER/HAVER Y, no qual X representa o sujeito e Y o objeto direto. Deste modo, mesmo com cargas semânticas nitidamente diferentes, o uso de *ter/haver* concorria em orações desta natureza, de modo que esta proximidade de significados é um importante fator para que a alternância dos dois verbos fosse implantada, até que o *ter* tomasse o lugar de *haver* possessivo, e desde o século XVI foi substituído gradativamente pela variante inovadora *ter*.

No momento em que *ter* se torna o verbo padrão para expressar a ideia de posse, este adentra também no campo das *construções existenciais*. As estruturas existenciais geralmente caracterizam-se pelo sistema Ø TER/HAVER Y, no qual Y representa o

objeto direto, e a oração não possui sujeito, por isso costumam ser denominadas impessoais, conservando-se fixa na 3ª pessoa do singular. Entre todas as organizações com ter e haver, as orações existenciais são de longe classificadas como as mais complexas, devido a possuir subgrupos com diferenças estruturais, cada uma com sua especificidade, embora na presente pesquisa a estrutura central em estudo é a das existenciais prototípicas.

Tendo em vista a escassez de pesquisas descritivistas dos usos linguísticos no Agreste Meridional pernambucano, consideramos signficante a realização de um mapeamento sociolinguístico de aspectos morfossintáticos da Língua Portuguesa, a fim de descrever e analisar os condicionantes que favorecem o emprego dos verbos ter e haver em construções existenciais. Nesse ponto de vista, acreditamos que esta pesquisa, associada aos diversos estudos linguísticos da área, pode contribuir para o conhecimento de possíveis variações no português falado em Garanhuns- PE.

Para tanto, organizamos este trabalho nos seguintes tópicos: no tópico 2, discorreremos sobre a Teoria da Variação Linguística de Labov (2008 [1972]), teoria que está fundamentada a presente pesquisa; no tópico 3, apresentamos uma breve linha temporal dos verbos ter/haver no português brasileiro e as análises sociolinguísticas já realizadas do mesmo fenômeno; no tópico 4, narramos o desenvolvimento metodológico da pesquisa, como se deram as entrevistas e como foi estruturado o corpus da pesquisa; no tópico 5, analisamos os dados estatísticos rodados no programa computacional GoldVarbX (2005), no qual através dos termos percentuais e peso relativo gerados pelo programa, investigamos as variáveis significativas para a ocorrência da variante ter.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Contexto Social da Língua

No presente tópico discorreremos sobre o estudo da língua em seu contexto social, o qual é chamado pelo termo de “Sociolinguística”. Esta definição pode parecer-nos familiar, quando pensamos na concepção de língua de Saussure, que se dava como um

fato social, produto de algo que é adquirido e convencionado por uma coletividade, que pertence ao mesmo tempo ao domínio social e individual.

Entretanto, a concepção de social para o Estruturalismo é como um sistema pré-estabelecido, no qual a língua não constitui uma função do indivíduo, mas este possui um papel passivo diante dela, não podendo inferir sozinho na unidade linguística. Outro fator determinante para os estudos saussurianos foi a delimitação científica de um objeto de estudo, a língua (*langue*), deixando o estudo de aspectos da fala (*parole*) em segundo plano.

Nesse ponto de vista, Labov (2008 [1972]) inova o jeito de estudar a língua, quando a define como uma forma de comportamento social, a qual os indivíduos usam para comunicar seus pensamentos e emoções uns aos outros, para ele apenas os aspectos linguísticos não são capazes de explicar alguns fenômenos existentes na língua, sendo necessário o estudo do contexto social no qual a língua está inserida.

Os estudos sociolinguísticos tratam de analisar a evolução e a estrutura linguística em um dado contexto social e dentro de uma comunidade de fala, de modo que contempla todas as áreas da língua, da fonologia à semântica, e objetiva descrever a sistematicidade da língua e sua evolução, tanto em relação ao tempo, quanto em relação à mudança de suas regras. As principais críticas de Labov às vertentes citadas anteriormente podem ser resumidas em duas, a exclusão do estudo da fala e a associação de sistema à homogeneidade, pois ele se preocupa em desenvolver a sua concepção de língua a partir de um sistema heterogêneo.

A Teoria da Variação linguística rompe com a identidade homogênea da estrutura linguística quando a compreende como sistema heterogêneo e passível de variação, entretanto esta variação não é livre, mas sim ordenada por aspectos sistemáticos internos e externos à língua, analisando, assim, como as relações sociais se estabelecem e como estas influenciam a língua. Conceber a língua como um sistema heterogêneo é dizer que há variação, e se há variação, há diferentes formas de se dizer a mesma coisa, já que: “A variável linguística é, portanto, um conjunto de duas ou mais variantes. Estas, por sua



vez, são diferentes formas linguísticas que veiculam um mesmo sentido.” (MENDES, 2013, p. 122).

A Sociolinguística promove uma ruptura teórica em relação ao estruturalismo, pois Saussure considera a língua como social em sua essência, de modo que é estabelecida por convenções sociais construídas na coletividade, que independem de um só indivíduo, desta maneira, se as expressões linguísticas individuais são deixadas de lado, não se realiza o estudo da língua como um comportamento social. Neste sentido, Labov questiona o que ele chama de *paradoxo saussuriano*: “o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social.”

Os estudos estruturalistas se preocupavam em descrever a língua como um sistema homogêneo, abstrato e sincrônico, sendo assim, afastou-se do estudo da fala por ser de ordem heterogênea, variável e diacrônica. Já a Sociolinguística considera a análise sistemática da natureza social da mudança linguística, desconsiderando a autonomia de seu sistema, e o vinculando como nunca antes às relações sociais, visto que: “[...] não é possível concluir uma análise das relações estruturais de um sistema linguístico, sem considerar as relações externas (LABOV, 1972 [1965], p. 181)”.

3. AS ANÁLISES SOCIOLINGUÍSTICAS DE TER/HAVER

Neste tópico, discutiremos sobre as pesquisas já realizadas sobre a alternância dos verbos ter/haver em estruturas existenciais. Os estudos que vamos aqui apresentar ocorreram em diversas regiões do Brasil e foram desenvolvidas por Mattos e Silva, em 2002, analisaram o uso das variantes ter/haver em contexto existencial, de acordo com o corpus a Obra Pedagógica de João de Barros, a Cartinha, de 1539 e a Primeira e a Segunda Década da Ásia, de 1552 e 1553, em que a pesquisadora analisa o mesmo fenômeno também nas Cartas de D. João III, escritas de 1540 a 1553. Num primeiro momento, autora apresenta uma ramificação na qual comenta sobre os verbos com sentido de existência e faz uma relação das ocorrências de ser, haver e ter em documentos anteriores. Segundo Mattos e Silva (2002) Mattos e Silva em João de Barros, embora ainda em

baixíssima frequência, já havia registros do emprego de *ter* existencial.

Batista (2009) analisou narrativas extraídas do corpus histórico do português Tycho Brahe, dos séculos XVI a XIX, objetivando verificar a ocorrência dos dois verbos em estruturas existenciais, os resultados mostraram que mesmo os documentos analisados sendo do início do século XX e estarem na forma escrita, o percentual de *ter* ainda foi baixo, entretanto esse percentual aumentou gradativamente e hoje já chega a 85% de *ter* nos dados de fala.

Segundo Avelar (2006) existe algumas hipóteses que favorecem a preferência do verbo *ter*, uma delas pode ser a de que *haver* está sendo considerado um verbo substantivo e não mais um verbo funcional, o que faz com que o campo de realização do verbo seja diminuído, de modo que o pesquisador divide as existenciais em alguns grupos de significação na qual as canônicas são as que podem ser substituídas por *existir*, construções com *ter* podem ser passíveis de troca com verbos como *acontecer* e *estar com*. Callou e Avelar (2007) também apresentam a hipótese de que o apagamento de *haver* tem a ver com o processo de uso do sujeito nulo, em que quando a oração não possui sujeito, como as orações impessoais constituídas por *haver*, não há uma associação do verbo com um sujeito e ele tende a cair em desuso entre os falantes.

Os trabalhos de Avelar, 2005, 2006a; Callou e Avelar, 2001, 2002a, 2011; Callou e Almeida, 2008; e outros costumam apresentar alguns fatores condicionantes que favorecem o uso de *haver* e de *ter*, são eles, o tempo verbal: no qual o pretérito perfeito é o tempo em que se verifica os maiores índices do emprego *haver*, por *ter* certa proximidade semântica com verbos narrativos como *acontecer*; a especificidade semântica do argumento interno: se o sintagma nominal (SN) do objeto é de caráter [-animado] são os que mais tendem a favorecer o uso de *haver*; a idade do falante: falantes mais velhos tendem a manutenção do verbo considerado padrão, enquanto a fala dos jovens, tendem a preferir o uso das variantes inovadoras; e o grau de escolaridade: quanto maior o grau escolar do falante maiores as chances de usar o verbo *haver*.

Batista (2012) usou o corpus do projeto Norma Urbana Culta (NURC-RJ) e analisou a variação de *ter/haver* existenciais no português falado na norma culta urbana

de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, e foi possível verificar em seus estudos que há relação direta entre o avanço social da cidade e o avanço da variante *ter*. Verificou-se uma grande diferença entre os dados das cidades pesquisadas, na qual Rio de Janeiro e Porto Alegre apresentam os maiores percentuais de *ter* (75%), e a capital baiana apresenta um percentual de 84%, onde Salvador é a capital que registra o menor índice de IDH e alfabetização.

Vitório (2008, 2012) e Oliveira (2014) realizaram estudos na língua falada e na língua escrita para descrever quais condicionantes linguísticos e extralinguísticos são significantes na alternância dos verbos *ter/haver* existencial, nas cidades de Maceió-AL e São José do Rio Preto-SP, respectivamente, e encontraram os seguintes resultados: o *ter* tem superioridade de uso na língua falada, já na língua escrita, pelo maior grau de formalidade e pelo aspecto de o verbo *haver* só ser adquirido com o processo de escolarização, houve um maior emprego de *haver* existencial.

4. METODOLOGIA

O desenvolvimento metodológico desta pesquisa é de fundamental importância para o desenvolvimento de um estudo de cunho Variacionista, fundamentada nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação Linguística de Labov (2008 [1972]), na qual a concepção dada à língua é como social, variável e heterogênea, estudada em seu contexto real de uso. A Sociolinguística Quantitativa, outro nome dado à teoria aqui trabalhada, é classificado como uma Teoria teórico-metodológica, na qual a metodologia fornece embasamento para a teoria e a teoria organiza a metodologia.

A Teoria da Variação Linguística estuda a língua em seu contexto social e tem como objetivo sistematizar quais condicionantes sociais e linguísticos determinam a alternância de fenômenos linguísticos estudados. Neste momento, são descritas as etapas percorridas para a obtenção e análise dos dados obtidos com a finalidade de realizar o mapeamento sociolinguístico da alternância dos verbos *ter/haver* em construções existenciais no português falado em Garanhuns-PE.

Os dados usados para a composição desta pesquisa foram coletados através de entrevistas realizadas com 36 informantes que residem em sua comunidade de fala por um período de pelo menos 10 anos, divididos nas faixas etárias entre 15-30 anos, 31-45 anos, 46-61 anos, composto por 18 homens e 18 mulheres com dois níveis de escolaridade: médio e superior. As entrevistas continham duração média de 5 a 15 minutos, e foram coletadas através de gravadores digitais, as quais totalizaram um registro de aproximadamente 6 horas de áudio digital.

Como já discurremos anteriormente, o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista é a língua falada, na sua maior aproximação ao vernáculo, ou língua espontânea do falante. Sendo assim, nossas entrevistas foram pautadas no processo de narrativas orais, no qual planejamos perguntas que levassem o informante a falar através de sequências narrativas, com assuntos sobre sua vida pessoal e sua comunidade de fala, para que todos tivessem domínio sobre o que estava sendo perguntado e pudessem falar sem constrangimento, com mais propriedade e naturalidade.

Para tanto, organizamos o seguinte guia de perguntas, almejando incitar o uso de narrativas por parte do informante:

Quadro 1 – Guia de Perguntas utilizadas para a constituição do corpus

1.	Como foi a sua infância? Relate um pouco da sua história.
2.	Quais mudanças você percebe que ocorreram em relação ao comportamento das crianças do seu tempo para as de atualmente?
3.	Relate o momento mais feliz da sua vida.
4.	Em relação às festas culturais da sua cidade, você acha que houve progresso ou regresso?
5.	Como você observa o ensino atualmente? E quais modificações ocorreram ao longo do tempo?
6.	Atualmente, que relação você observa entre o jovem e a sociedade?
7.	Em relação à segurança da sua cidade, o que você pode falar a respeito? Você já foi assaltado? Se sim, relate-o. Quais precauções você toma para evitar um assalto?
8.	Que setor movimenta a economia da sua cidade?

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados de fala foram obtidos através de entrevistas gravadas em dispositivo digital e em seguida transcritos ortograficamente, para consecutiva separação das variantes estudadas e codificação destas. Para a obtenção dos dados estatísticos, foi utilizado o pacote computacional GoldVarbX (2005), que é de extrema importância para a aquisição de porcentagens e peso relativo, ao considerar os grupos de fatores significantes para a variante estudada.

A análise de dados por programas estatísticos como o GoldVarbX (2005) é fundamental para a investigação da influência de diversos elementos sociais e estruturais sobre a alternância de fenômenos linguísticos. Esta investigação pondera quais os impactos e a sua significância sobre o uso da variante estudada, e facilita a estruturação dos condicionantes sociais e linguísticos, de modo que monitora e ocasiona uma regulação de padrões entre estes, através de um modelo matemático, conforme Guy e Zilles: “A modelagem matemática desse tipo é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na estatística; vai muito além do medo objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral [...]” (GUY E ZILLES, 2007, p. 107). Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos variáveis sociais e linguísticas, a fim de descrever e sistematizar a variante em estudo, de acordo com os pressupostos metodológicos da Teoria da Variação Linguística.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

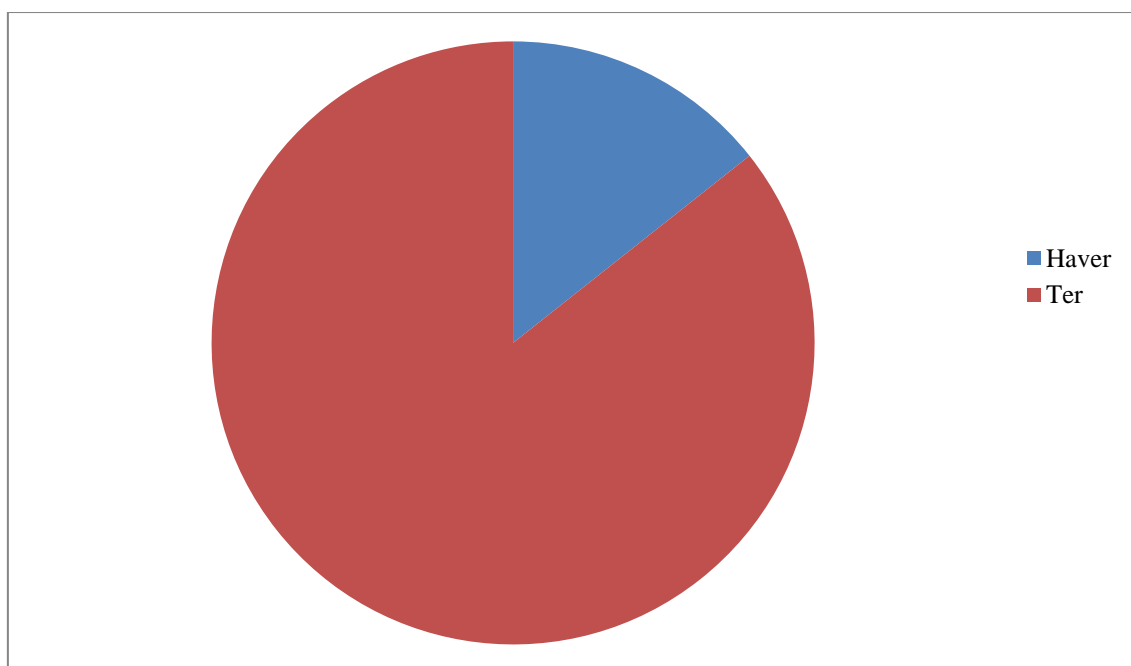
O presente capítulo tem por objetivo apresentar os grupos de fatores significativos para o emprego dos verbos em estudo, analisar os dados e descrever os resultados obtidos na pesquisa. Para tal, consideramos o verbo considerado padrão *haver* como aplicação da regra, para a análise dos termos percentuais e dos pesos relativos alcançados.

A análise dos dados foi estruturada em tópicos, compostos por gráficos e tabelas para que haja melhor visualização dos dados, de acordo com a ordem de fatores estatisticamente significativos para a pesquisa, após a rodagem feita no programa computacional GoldVarbX (2005).

As variáveis estatisticamente significativas obtidas foram, respectivamente, a variável extralinguística idade; e, a variável linguística tempo verbal, na qual apenas a segunda variável correspondeu aos resultados obtidos na pesquisa realizada por Batista (2012), cuja variável tempo verbal pretérito perfeito também favoreceu o emprego do verbo haver. Batista (2012), em sua dissertação obteve 1283 dados de construções existenciais prototípicas, distribuídas entre as décadas de 70 e 90.

Como já era esperado, observamos uma grande diferença entre o uso das variantes. Ter é a forma mais frequente na fala, em relação ao haver, como podemos analisar no Gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1 – A comparação das escolhas de ter e haver



Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar, foram obtidas 404 ocorrências das variantes em estudo, sendo 346 ocorrências de ter, equivalente a 86% dos dados, à medida que os empregos de haver são 58, o correspondente a 14% dos dados analisados. Desse modo, constatamos que o uso do verbo ter já é maior do que nas pesquisas realizadas por Batista (2012), na qual o percentual geral apresentado foi de 75% do uso de ter, contra 25% de haver.

Dessa maneira, podemos constatar inicialmente que ter é a variante predominante em construções existenciais, sendo assim a variante padrão haver encontra-se em processo de mudança no português falado em Garanhuns-PE.

Posteriormente, analisaremos quais grupos de fatores de condicionantes linguísticos e extralinguísticos foram considerados significativos para o favorecimento do emprego da variante inovadora ter.

5.1 Grupo de Fatores Considerados Estatisticamente Significativos

Dentre todos os grupos de fatores analisados, apenas as variáveis idade e tempo verbal foram consideradas estatisticamente significativas. A idade foi a variável considerada mais significativa para o estudo da variação de haver para ter em construções existenciais, quando consideramos haver como aplicação da regra. Tal resultado, não coincide com a pesquisa desenvolvida por Batista (2012), na qual a primeira faixa de idade favoreceu o uso de a variante inovadora ter, enquanto neste trabalho o emprego da variante ter predominou na última faixa etária de idade.

A ordem dos grupos de fatores considerados estatisticamente significativos para a variação em estudo, conforme a rotação de dados do GoldVarbX (2005), segue na tabela abaixo:

Quadro 4 – Ordem dos grupos de fatores considerados estatisticamente significativos para a variação verbal em estudo

1.	Faixa etária <ul style="list-style-type: none"> • 15-30 anos; • 31-45 anos; • 46-61 anos.
2.	Tempo Verbal <ul style="list-style-type: none"> • Presente do Indicativo; • Pretérito Perfeito do Indicativo; • Pretérito Imperfeito.

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos os resultados e as análises dos grupos de fatores selecionados para o estudo dos verbos *ter/haver*. De acordo com Labov, os dados de uma pesquisa sociolinguística são fundamentais, inclusive, para análises linguísticas futuras,

de modo que a cada pesquisa os dados se somam aos estudos já realizados e se expande a investigação sobre determinada variação.

As limitações impostas por Chomsky aos dados de input o levaram à convicção de que a teoria é não-determinada pelos dados (1966), isto é, sempre haverá muitas análises para cada conjunto de dados, e serão necessárias medidas de avaliação internas para escolher entre elas. Assumimos a posição contrária. Por meio do estudo direto da língua em seu contexto social, o montante de dados disponíveis se expande enormemente e nos oferece formas e meios de decidir qual das várias análises possíveis está correta. (LABOV, 2008 [1972], p. 236-237).

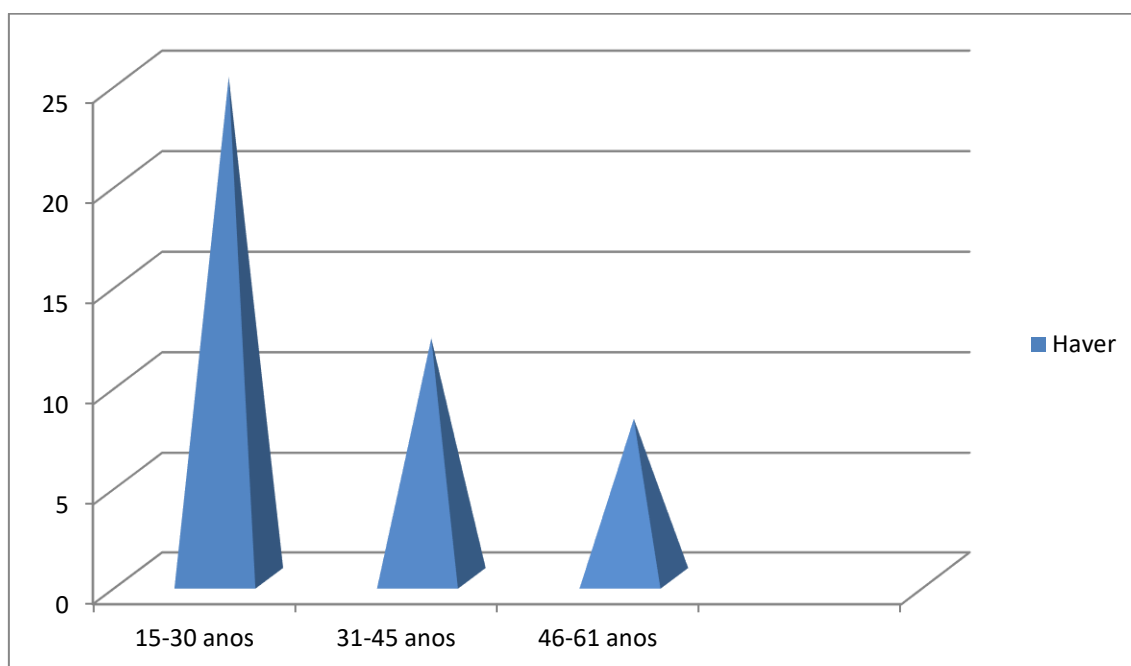
Sendo assim, as variáveis consideradas estatisticamente significativas pelo software GoldVarbX (2005) foram apresentadas em ordem de significância, para a análise e descrição de dados.

5. 1.1 A influência da variável faixa etária na escolha de haver

O grupo de fatores *faixa etária* tem sido muito relevante nos estudos sociolinguísticos atualmente. Além de ser um condicionante significativo para a análise das variantes, os resultados aqui obtidos determinam a classificação da mudança em processo ou da variação estável, através da conceituação de qual fator favorece a realização da forma linguística inovadora, neste caso *ter*, e qual fator inibe determinada ocorrência.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, dividimos a variável estudada nas seguintes faixas etárias: 15 a 30 anos, 31 a 45 anos e 46 a 61 anos, sendo estas primeira, segunda e terceira faixas de idade, respectivamente. No Gráfico 2 abaixo, podemos observar os dados obtidos para a variável idade:

Gráfico 2 – A influência da variável faixa etária da escolha de *haver*



Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar, foram encontradas 121 ocorrências das variantes em estudo na primeira faixa etária, sendo 25%, contra 75,% de ter, já segunda faixa etária houve 12% de haver, contra 88% de ter, enquanto na terceira faixa etária encontramos apenas 8% do verbo haver, contra 92% de ter.

Deste modo, a diferença percentual entre as estatísticas revela a significância da variável idade para a alternância verbal entre ter e haver. Nessa perspectiva, os informantes mais jovens tendem ao uso da forma verbal padrão; em contraparte, os informantes com idade acima de 46 anos empregam mais a variante ter.

Segundo Batista (2012) e com base nas pesquisas realizadas, a terceira faixa etária (46-61 anos) apresentava os maiores índices de haver, ao passo que a primeira faixa etária apresentava os maiores índices de *ter*. Esses resultados podem ser explicados, pelo fato de que à medida que o falante aumenta de faixa etária, ele terá mais situações formais de fala, sendo assim, usaria mais a forma padrão. Entretanto, como vimos, os dados obtidos na presente pesquisa demonstraram totalmente o oposto.

Acreditamos que esta mudança ocorreu, pois graças à globalização os jovens são apresentados cada vez mais cedo às situações formais como a entrada na universidade, com a necessidade de adequação ao uso linguístico padrão, e situações como, por exemplo, entrevistas de emprego.

As amostras da significância da primeira faixa etária (15-30 anos), representada pelo peso relativo (.68), ao passo que a segunda (31-45 anos) e a terceira faixa etária (46-61 anos), com peso relativo (.43) e (.40), respectivamente, inibem a aplicação da regra, como podemos visualizar na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Influência da variável faixa etária na escolha de haver

Haver			
Faixa Etária	Aplic./ Total	Percentual (%)	Peso Relativo (PR)
15 a 30 anos	30/121	25%	.68
31 a 45 anos	16/134	12%	.43
46 a 61 anos	12/149	8%	.40

Fonte: elaborada pela autora.

5.1.2 A influência da variável tempo verbal na escolha de haver

De acordo com os estudos de Callou e Avellar (2000), Vitória (2008) e Batista (2012), a variável tempo verbal se mostrou estatisticamente significativa para a alternância de ter e haver. Vitória (2008) acredita que as formas verbais do tempo passado favorecem a manutenção do verbo padrão haver por apresentar a forma mais marcada, ao passo que Callou e Avelar (2000) acreditam que isso também se deve, pois o haver caracteriza-se como um verbo típico de narração. Como podemos observar nas sentenças abaixo:

- (22) “Mesma coisa na educação, **houve** essas mudanças na parte da educação, no ensino médio...” (DSC, L5, p.17).
- (23) “**havia** muita mentira, muita corrupção, entre os colonizadores e os índios que já tavam aqui...” (ISD, L20, p.91).

No presente estudo, diferente dos estudos feitos anteriormente, nos quais os pesquisadores dividiram os tempos verbais apenas em presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo, acrescentamos um tempo verbal à análise desta variável, o pretérito imperfeito. Entretanto, assim como as outras pesquisas realizadas, o tempo pretérito perfeito do indicativo foi o único que favoreceu o emprego de *haver*, os percentuais deste com os outros tempos verbais foram muito baixos.

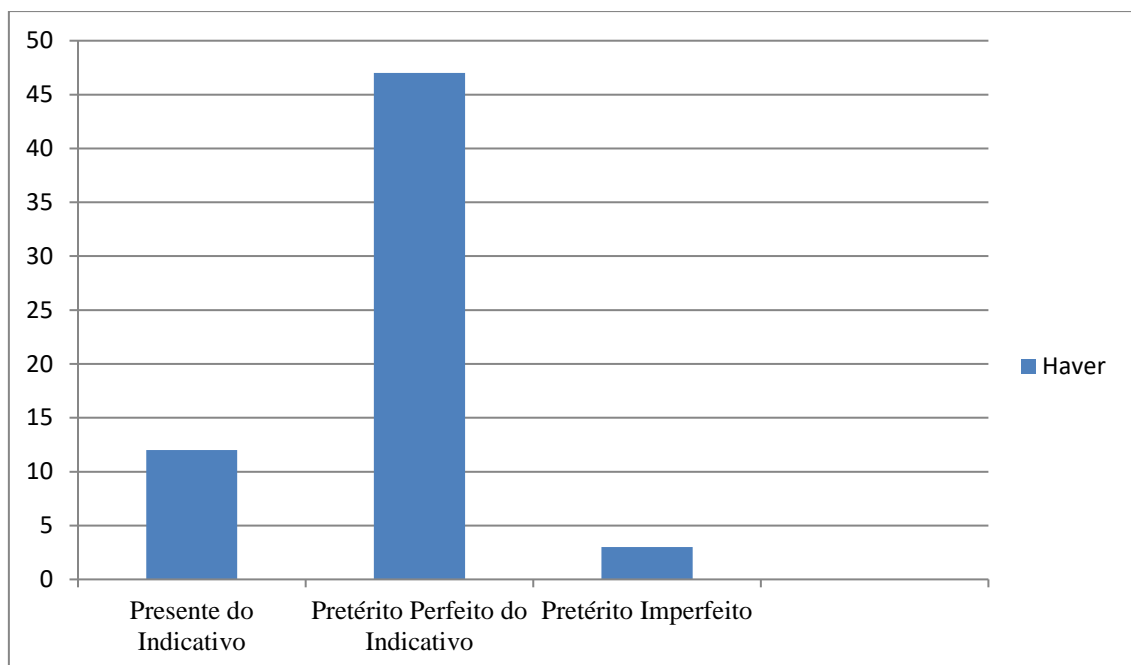
De acordo com Avelar (2006b) esse maior uso de *haver* para conjugações de pretérito perfeito do indicativo se deve por um problema na ordem semântica, em que *houve* não está sendo interpretado como conjugação do verbo haver, mas como um verbo que indica acontecimento. Como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (24) “então **houve** essa mudança de patamares, tanto do ensino público, quanto do ensino particular...” (DSC, L5, p. 17).
- (25) “Eu não acompanho. Mas eu acho que **houve** retrocesso, até por conta da violência...” (AMAP, L23, p. 106).

Após a rodagem no GoldVarbX (2005), o fator tempo verbal foi considerado o segundo grupo de fatores mais significativo para a variação entre os verbos ter e haver.

Para melhor visualização dos dados percentuais desta variável, vejamos o gráfico 3 a seguir:

Gráfico 3 – A influência da variável linguística *tempo verbal* na escolha de *haver*



Fonte: elaborado pela autora.

Segundo o Gráfico 3, os termos percentuais apresentam diferenças significativas quanto aos usos de *ter* e *haver* nos tempos verbais escolhidos em análise. O tempo verbal presente do indicativo revela uma maior preferência da forma verbal *ter*, totalizando apenas 12% de percentual total para ocorrência do verbo *haver*. O tempo verbal pretérito perfeito do indicativo é o único que revela uma tendência significativa (47%) ao uso do verbo *haver*. Entretanto, o tempo verbal pretérito imperfeito inibe a ocorrência do verbo *haver* (3%), e um maior favorecimento (97%) ao emprego da variante inovadora *ter*.

Os resultados encontrados confirmam as pesquisas já realizadas, apenas o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo, favorece o uso do verbo *haver* em construções existenciais, enquanto que a maior ocorrência de *ter existencial* se dá tanto no presente do indicativo, quanto no pretérito imperfeito.

Na tabela a seguir, estão os resultados dos dados numéricos desta variável, com o total de 404 ocorrências das variantes em estudo, na qual estão distribuídas em 255 ocorrências para presente do indicativo, 56 para pretérito perfeito do indicativo e 93 para

pretérito imperfeito. Para melhor visualização da diferença entre os valores de cada tempo verbal analisado, nesta apresentamos o peso relativo, o percentual e a aplicação de cada tempo verbal estudado.

Tabela 2 – Influência da variável tempo verbal no emprego de *haver* existencial

Tempo Verbal	Aplic./Total	Percentual (%)	Peso Relativo (PR)
Presente do Indicativo	29/255	12%	.49
Pretérito Perfeito do Indicativo	26/56	89%	.87
Pretérito Imperfeito	3/93	3%	.25

Fonte: elaborada pela autora.

Na tabela acima podemos observar que o único peso relativo estatisticamente significativo (>50) entre os grupos de fatores foi o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo, com o peso relativo de .87 e 89% do percentual, sendo assim, ratificamos que o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo favorece a ocorrência do verbo *haver*, ao passo que inibe o emprego do verbo *ter*.

5.2 VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE NÃO SIGNIFICATIVAS

Assim como apresentado no tópico 5.1, correspondente às variáveis consideradas estatisticamente significativas pelo programa computacional GoldVarbX (2005), esta seção tem como objetivo apresentar os termos percentuais dos grupos de fatores considerados não estatisticamente significativos para a análise das variantes segundo o mesmo programa.

Quadro 5 quanto – Ordem dos grupos de fatores não considerados estatisticamente significativos para a variação verbal em estudo

3.	Sexo <ul style="list-style-type: none"> • Homem; • Mulher.
4.	Animacidade do sintagma nominal (SN) do objeto <ul style="list-style-type: none"> • SN do objeto com traço animado; • SN do objeto com traço inanimado.
5.	Escolaridade <ul style="list-style-type: none"> • Ensino Médio;

	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino Superior.
--	--

Fonte: elaborado pela autora.

5.2.1 A influência da variável *sexo* na escolha de *haver*.

A variável extralinguística *sexo*, segundo diversos estudos de cunho sociolinguístico, tem sido confirmado como significativa para a análise e investigação de fenômenos linguísticos, tal como faixa etária e escolaridade do falante, como vimos anteriormente aqui, na qual a idade foi a primeira variável mais relevante no presente estudo.

Na maior parte dos estudos variacionistas, as mulheres demonstram uma maior propensão à forma linguística socialmente prestigiada. A explicação para isto, pode se dar pela questão sociohistórica da diferença de papéis que os homens e as mulheres exercem socialmente. Como é sabido, a nossa sociedade tem um sistema social patriarcal, no qual os homens tem o poder primário e predominam em ofícios de liderança política e autoridade moral, sendo assim, este já tem o status social privilegiado por natureza, diferente das mulheres que precisam obter status social por sua postura na sociedade.

Desta maneira, segundo Labov (1972), as mulheres tendem a empregar a forma considerada “padrão” por obtenção de uma posição social mais estável em relação aos homens, por que os homens participam de redes sociais mais fechadas e diferenciadas as quais as mulheres não têm acesso, e pela necessidade de uma postura mais conservadora, por conseguinte os homens tendem a empregar a forma mais inovadora. Alguns teóricos (Fasold, 1990; Trudgill, 1972 apud Cheshire, 2004) argumentam que as mulheres utilizam a forma mais prestigiada por uma carência de alcançar um status social, para que seja inserida no mercado de trabalho e em outros grupos sociais, nos quais exigem certo prestígio linguístico.

Com o avanço de movimentos de empoderamento feminino, as mulheres tem conquistado cada vez mais seu lugar na sociedade, de modo que a variável *sexo* tem apresentado cada vez mais padrões regulares na diferença de percentual entre o emprego de variantes padrões ou inovadoras.

Na presente pesquisa, entretanto os homens são os que tendem a empregar o maior uso da variante padrão *haver*, o que é comum também em outras pesquisas sobre *ter/haver* existenciais, nos quais a norma dos estudos sociovariacionistas não se aplica, e o homem tende a usar a forma mais prestigiada.

Tabela 3 – A influência da variável *sexo* no uso de *haver*

Haver		
Sexo	Aplic./Total	Percentual (%)
Homem	35/58	60%
Mulher	23/58	40%

Fonte: elaborado pela autora.

Analisando os termos percentuais, os homens realizam mais (60%) a variante *haver*, ao passo que as mulheres (40%) conservam menos o emprego da variante considerada padrão. Por conseguinte, a variável *sexo* é apenas a terceira mais significativa no fenômeno analisado, e ratifica as pesquisas anteriormente realizadas, nas quais os homens são os maiores realizadores da forma padrão. É importante destacarmos a diferença entre os usos das variantes em estudo, o *haver* foi pouco empregado (14%) em relação a *ter* (86%).

De acordo com as pesquisas anteriormente realizadas por Batista (2012) que analisou o uso de *ter/haver* nas capitais; Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, apenas na capital gaúcha as mulheres tiveram preferência pela variante inovadora, Vítório (2012) realizou o mesmo estudo na escrita e as mulheres empregaram mais *haver*, mesmo com uma diferença pequena (4%) em relação aos homens, e para Oliveira (2014) a variável *sexo* não foi estatisticamente significativa para a variação de *ter/haver* no português falado em São José do Rio Preto – SP.

Como podemos observar, não há um resultado dominante na variável *sexo* na análise da variante aqui estudada, sendo assim, cada pesquisa tem suas particularidades e outros fatores como a idade dos falantes atrelada ao *sexo* acaba sendo o que determina ou não a variação dos verbos *ter/haver* existenciais.

Como dito no início deste capítulo, não é comum em estudos variacionistas que o



homem empregue mais a forma padrão, posto que Labov (2001) destaca que em casos de variação estável, os homens tendem a usar mais a forma não padrão e as mulheres tem maior preferência pelas formas prestigiadas. Entretanto, numa segunda hipótese, a inversão dessa disposição pode ser explicada como uma marca de que uma nova variante está sendo implantada na língua, na qual está em processo de mudança linguística, e neste caso, as mulheres tendem para as variantes de caráter mais inovador, mesmo que esta não seja a forma privilegiada socialmente.

À vista disso, a presente pesquisa ratifica o estudo de Batista (2012) em Porto Alegre, no qual as mulheres são as maiores realizadoras da variante inovadora *ter*.

5.2.2 A influência da variável animacidade do sintagma nominal do objeto na escolha de haver

As variáveis linguísticas são fundamentais para entender como acontece o processo de variação de uma língua, principalmente quando esta ocorre no nível morfossintático. Acreditamos que além das variáveis sociais, os condicionantes linguísticos são de suma importância para analisarmos os fenômenos linguísticos, desta forma, temos a variação como um fato inerente à língua, já que: “[...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968: 101).

A animacidade do sintagma nominal do objeto já foi estudada como variável em estudos de teóricos como Callou e Avelar (2000), Vitório (2008), Batista (2012) e Oliveira (2014) e desponta como fator significativo em alguns destes, portanto, decidimos inclui-la na lista de variáveis escolhidas para análise nesta pesquisa. Para isto, dividimos a variável entre sintagma nominal (SN) do objeto com traço animado e sintagma nominal (SN) do objeto com traço inanimado. Como exemplificado nas sentenças abaixo:

- SN do objeto com traço animado

(26) “houve um dos garoto, que sofreu um acidente...” (SMJM, L37, p. 170)

(27) “teve duas crianças que tavam jogando um jogo em Caruaru...” (JMA, L15,



p.65).

- SN do objeto com traço inanimado

(28) “eu acho que **houve** retrocesso.” (AMAP, L23, p.104).

(29) “Antigamente **tinha** várias indústria aqui...” (ADCG, L19, p.87).

Para classificar os elementos animado e inanimado da língua, Lopes (2003) explica que o semanticista francês Pottier procura apontar que elementos são capazes de ocupar todas as três classes primárias que dividem todos os morfemas da língua: a classe dos objetos, a classe dos animais e a das pessoas. Sendo assim, segundo Pottier (1963), a classe dos objetos compreende todos os substantivos dotados de traços semânticos [-animado], e a classe dos animais e das pessoas integram todos os substantivos dotados de traços semânticos [+animado]. Dessa forma, o SN do objeto com traço animado representa os animais e pessoas, já o SN do objeto com traço inanimado caracteriza coisas/objetos.

De acordo com Vitório (2012), estudos variacionistas indicam que um elemento com traço [+animado] ocorre em maior proporção em sentenças simples, e tem uma maior tendência a regras variáveis, já que se caracteriza como agente da oração, diferentemente de um elemento com traço [-animado].

A presente variável não foi considerada como fator significativo para a variante em análise, no entanto, no que se refere a alternância do emprego de *ter/haver* em construções existenciais, os resultados, apesar da superioridade já esperada de usos de *ter* em relação a *haver*, apontam que a variante padrão é mais empregada em casos de SN do objeto com traço inanimado.

Conforme analisamos nos resultados, apesar do uso de *ter* ser predominante, o uso de *haver* em construções com o SN do objeto com traço inanimado teve um percentual 11% maior em relação ao uso de *haver* em construções com SN do objeto com traço animado. Os dados aqui analisados ratificam os resultados dos estudos realizados por Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Martins e Callou (2003), Silva (2004) e Vitório (2007), os quais indicam que o SN do objeto com traço animado favorece o uso da variante inovadora *ter*, ao passo que o fator SN do objeto com traço inanimado inibe tal

ocorrência. Para melhor compreensão dos dados obtidos perante a variante estudada, vejamos a Tabela 4:

Tabela 4 – A influência da *animacidade do sintagma nominal do objeto* na escolha de *haver*

Haver		
Animacidade do SN do objeto	Aplic./Total	Percentual (%)
Traço animado	2/40	90%
Traço inanimado	56/564	10%

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos observar na tabela anterior, tanto os termos percentuais quanto o peso relativo de *haver* são pouco expressivos diante do sucesso de ter em construções com SN do objeto com traço animado. À vista disso, os percentuais mais semelhantes aos dos resultados aqui apresentados, são os dos teóricos Callou e Avelar (2000) e Dutra (2000), com percentuais 83% e 83,05%, respectivamente, para *ter* existencial, equitativamente com o termo percentual (84,6%) encontrado nesta pesquisa.

5.2.3 A influência da variável escolaridade na escolha de *haver*

A escolaridade tem tido um importante destaque nas pesquisas sociolinguísticas descritivistas, nas quais esse fator social sempre aparece como significativo para a alternância de alguns usos linguísticos. Entretanto, na presente pesquisa, a escolaridade não foi considerada fator relevante para a variação de *ter/haver* existenciais no português falado em Garanhuns-PE.

A escola tem exercido um papel fundamental no desenvolvimento de mudanças linguísticas importantes, tanto na fala, quanto na escrita. O ambiente escolar é por si só um ambiente conceituado na sociedade, sinônimo de conhecimento e normatividade. Deste modo, esta instituição sempre presa pela manutenção de formas linguísticas prestigiadas socialmente.

Não obstante a isso, diversos estudos realizados pelos teóricos Callou e Avelar (2001), Duarte (2003), Silva (2004), Avelar (2005) e Callou e Almeida (2008), ratificam

o quão a escolaridade do falante é importante no processo de variação da variante aqui estudada. A variante padrão *haver* para construções existenciais, é uma variante de prestígio, por isso quanto maior a escolaridade do falante, maior o uso de *haver*. Apesar de ter sido um grupo de fatores excluído por relevância pelo GoldVarbX (2005), as amostras dos níveis de escolaridade confirmam o maior emprego da forma padrão para a escolaridade ensino superior contraposto o ensino médio.

Conforme os dados apresentados no Gráfico 6, a diferença percentual entre os usos de *ter/haver* se aproxima dos 71%, no qual há uma superioridade de preferência ao uso da variante inovadora *ter*. Entretanto, o uso de *haver* foi maior nos informantes do ensino superior em relação aos informantes do ensino médio, em que um apresentou o termo percentual 17% contra 11%, respectivamente.

Segundo estudos (realizados por Callou e Avelar (2000), Duarte (2003), Silva 2004) afirmam que os falantes com mais escolaridade realizam mais a variante *haver*, sendo assim quanto maior a escolaridade, maior é o uso do verbo *haver* existencial. Para melhor visualização da diferença entre a escolha de *ter/haver* em construções existenciais, observemos a tabela 5 abaixo, que contém os termos percentuais e as aplicações de *haver*:

Tabela 5 – A influência da variável escolaridade na escolha de haver

Haver		
Escolaridade	Aplic./Total	Percentual (%)
Ens. Superior	40/239	60%
Ens. Médio	18/165	40%

FONTE: elaborado pela autora.

De acordo com Avelar (2005) o que explica a influência desta variável na preferência de *ter* pelos informantes com menos escolaridade, é que a variante *ter* é adquirida pela gramática nuclear, que é resultante do processo de aquisição da fala, já o *haver* só é adquirido através da gramática periférica, que resulta do processo de escolarização. À vista disso, Vitorio (2008) acrescenta que o verbo *haver* existencial não faz parte do processo de aquisição da linguagem e seu uso está atrelado à aprendizagem da língua escrita, sendo assim, só a partir de certo grau de escolaridade o falante tem

acesso às situações formais da língua, nas quais precisa empregar a forma padrão, para a autora é possível afirmar que o acesso às regras gramaticais por meio da escola favorecem a escolha do falante pela variante considerada padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou analisar a variação dos verbos *ter/haver* em construções existenciais, no português falado em Garanhuns-PE. Para tanto, nos fundamentamos nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística de Labov (2008 [1972]), sendo assim adotamos a língua em uso, em seu contexto social, a fim de confirmar os estudos quanto à mudança em curso para a variante inovadora *ter* em contextos de estruturas existenciais.

Assim como as pesquisas realizadas por Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Silva (2004), Callou e Almeida (2008), Vitória (2008, 2012), Batista (2012) e Oliveira (2014) a variante *ter* teve as maiores taxas percentuais de uso em relação à variante padrão, com 86% contra 14% de *haver*. Vale ressaltar que toda mudança que acontece na ordem da Língua se dá inicialmente por um processo de variação, como o que foi aqui estudados.

Para a realização da nossa pesquisa de análise e descrição de dados, selecionamos as seguintes variáveis sociais: sexo, idade e escolaridade; e linguísticas; animacidade do sintagma nominal (SN) do objeto com traço animado ou inanimado e tempo verbal; presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, e pretérito imperfeito. Para a sistematização dos resultados analisados, apresentamos as variáveis consideradas relevantes pelo programa computacional GoldVarbX (2005), por ordem de significância:

1) Variável I: *faixa-etária*. Para a verificação da descrição e análise de dados, dividimos esta variável social em três idades: (1) informantes de 15 a 30 anos, (2) informantes de 31 a 46 anos, e (3) informantes de 46 a 61 anos. A variável faixa-etária é considerada um fator de importante relevância para os estudos de variação e mudança linguística. Esse grupo de fatores indicou que a idade do falante influencia a variação



entre *ter/haver*, considerando-se que quanto mais velho o falante é, maior o emprego da variante não padrão, *ter* (92%), ao passo que *haver* é a forma mais empregada na primeira faixa-etária, com o peso relativo (.68), em contrapartida dos pesos relativos das outras idades (.43) e (.40) que inibem o emprego da variante considerada padrão. Nossos resultados contrariam os estudos realizados por Batista (2012) em que os mais velhos tendem a apresentar os maiores índices de *haver*. Sendo assim, os informantes da faixa etária mais nova, de 15 a 30 anos, favoreceu o emprego da variante padrão.

2) Variável II: *tempo verbal*. De acordo com os estudos de Callou e Avellar (2000), Vitória (2008) e Batista (2012), a variável tempo verbal se mostrou estatisticamente significativa para a alternância de *ter* e *haver*. Não obstante a isso, esta variável apareceu como a segunda mais significativa nos resultados obtidos neste estudo. Dividimos este grupo de fatores em três tempos verbais: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito. Os tempos verbais presente do indicativo e pretérito imperfeito revelam uma maior preferência de *ter*, apresentando os termos percentuais 89% e 97%, respectivamente. Entretanto o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo revela uma tendência significativa (47%) ao emprego do verbo *haver*. Os resultados encontrados ratificam as pesquisas realizadas por Callou e Avellar (2000) e Vitória (2008), nas quais apenas o tempo verbal pretérito perfeito do indicativo, favorece o uso do verbo *haver* em construções existenciais, enquanto que a maior ocorrência de *ter existencial* se dá tanto no presente do indicativo, quanto no pretérito imperfeito.

3) Variável III: *sexo*. Assim como as variáveis *faixa etária* e *escolaridade*, esta variável social tem sido considerada significativa para as pesquisas de variação linguística. No estudo aqui realizado, o *sexo* foi uma das variáveis excluídas dos grupos de fatores significativos. Na maior parte dos estudos de variação linguística, as mulheres demonstram uma maior propensão à variante socialmente prestigiada, pois pelo local secundário que ocupam em relação aos homens, necessitam obter um status social a sociedade que fazem parte através – também – da língua. Entretanto, na presente pesquisa os homens são os maiores realizadores da variante padrão *haver*, o que é comum também em outras pesquisas sobre *ter/haver* existenciais, nos quais não se aplica a norma dos estudos sociovariacionistas comuns, o que ratifica os estudos anteriormente realizados



por Batista (2012) nas capitais Rio de Janeiro e Salvador, já para Oliveira (2014) a variável *sexo* não foi um fator significativo para a variação dos verbos *ter/haver* existenciais. Sendo assim, os homens tendem a conservar a forma considerada padrão, enquanto que as mulheres favorecem o uso da variante inovadora *ter*.

4) Variável IV: *animacidade do sintagma nominal (SN) do objeto*. A segunda variável excluída como não relevante para a variação dos verbos em estudo foi a animacidade do sintagma nominal (SN) do objeto. Este grupo de fatores já foi estudado por Callou e Avelar (2000), Vitório (2008), Batista (2012) e Oliveira (2014), nos quais se mostrou significativa apenas em alguns destes. Para a análise de como a animacidade do SN do objeto favorece o uso das variantes *ter/haver*, dividimos a variável entre sintagma nominal (SN) do objeto com traço animado e sintagma nominal (SN) do objeto com traço inanimado. Apesar da superioridade já esperada no emprego de *ter* em relação a *haver*, os resultados apontam que a variante padrão é mais empregada em casos de SN do objeto com traço inanimado, no qual *haver* apresentou um percentual 10,4% maior em relação ao uso de *haver* em construções com SN do objeto com traço animado, ratificando os resultados obtidos por Callou e Avelar (2000), Dutra (2000), Martins e Callou (2003), Silva (2004) e Vitório (2007), os quais indicam que o SN do objeto com traço animado favorece o uso da variante inovadora *ter*, em contrapartida ao fator SN do objeto com traço inanimado que inibe a ocorrência da variante inovadora.

5) Variável V: *escolaridade*. Esta variável é mais um dos fatores sociais que tem tido um importante destaque nas pesquisas sociolinguísticas como fator significativo para variação, contudo no estudo aqui realizado, a escolaridade foi o último fator na ordem de relevância para a alternância de *ter/haver* existenciais no português falado em Garanhuns. Por sua importância e conceituação na sociedade, a escola está sempre presa à manutenção das formas linguísticas consideradas padrão. Os resultados obtidos nesta pesquisa ratificam os estudos (realizados por Callou e Avelar (2000), Duarte (2003), Silva (2004), no quais os falantes com mais escolaridade realizam mais a variante *haver*, sendo assim quanto maior a escolaridade, maior é o uso do verbo *haver* existencial. Conforme os dados analisados, o emprego do verbo *haver* foi maior nos informantes do ensino superior em relação aos informantes do ensino médio, os quais apresentaram os termos

percentuais de 17% contra 11%, respectivamente, e o peso relativo do uso de *haver* entre informantes com ensino superior (.55), contra o (.43) de informantes do ensino médio. Sendo assim, confirmamos os resultados obtidos por Avelar (2005) e Vitória (2008) que quanto mais alto o grau de escolaridade, maior a manutenção da forma considerada padrão.

Por fim, concluímos que a presente pesquisa tanto confirmou, quanto refutou alguns resultados esperados pelos estudos anteriormente realizados por Callou e Avelar (2000) Duarte (2003), Silva (2004), Almeida (2006), Vitória (2008) e Batista (2012). Acreditamos que esta pesquisa viabilizou um maior entendimento sobre esse fenômeno linguístico e as construções *existenciais*, sendo assim, esperamos que os resultados aqui obtidos, associados aos diversos estudos linguísticos da área, possam contribuir para o conhecimento de possíveis variações no português falado em Garanhuns- PE, bem como iniciar discussões sobre a variação linguística no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos; LAGARES, Xoán. **Políticas da norma e conflitos linguísticos** . 1. ed. São Paulo: Parábola, 2011. 392 p. v. I.
- BATISTA, Priscila Guimarães. **Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico** . 2012. 76 p. Dissertação (Letras Vernáculas (Língua Portuguesa))- Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. I.
- BECHARA, E.; **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Gragoatá**. Niterói, n.9, p. 85-100, 2000.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social** . 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. 272 p. v. I.
- COSTA, A. A.; PINTO, D. S.; SOUZA, G. E.; REIS, J. A.; BIZERRA, P. R. B. Verbos existenciais: ter/haver. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. [www.revel.inf.br].
- DUTRA, Cristiane. **Ter e Haver na norma culta de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, 2000.



FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018. 227 p. v. I.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: Instrumental de Análise. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2007. 239 p. v. I.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2004. 242 p. v. I.

OLIVEIRA, Carolina Sartori de. **A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense**. 2014. 143 p. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências (Mestrado)- Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2014. I.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 312 p. v. I.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. **Ter/Haver Existenciais na escrita dos alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL**. 2008. 120 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2008.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita**. 2013. 19 f. Artigo (Letras e Linguística)- Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2013. 7. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 08 jun 2017.

Recebido em: 30/10/2020 | Aprovado em: 21/04/2021

Publicado em: 06/07/2025
